

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
RONDÔNIA

CENTRO INTERDISCIPLINAR  
DE ESTUDO E PESQUISA DO  
IMAGINÁRIO SOCIAL



REVISTA LABIRINTO  
ANO XVIII  
VOLUME 26  
(ABR-JUN)  
2017  
PP. 336-353.

## OS VOLUNTÁRIOS DO MARTÍRIO DA REVOLUÇÃO FEDERALISTA (1893-1895) NO USO HISTÓRICO DO TESTEMUNHO

Jéssica Adriana Pacheco Groders<sup>i</sup>  
Mestranda em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF)  
jessicagroders@gmail.com

### RESUMO

Por muito se discutiu a relevância do testemunho como fonte histórica de pesquisa, questionando a veracidade e possibilidades metodológicas para tal. O presente artigo tem por objetivo reiterar a alternativa de uso do testemunho como fonte histórica, exemplificando tal questão com a análise da obra *Voluntários do Martírio: narrativa da Revolução de 1893*, de Ângelo Dourado.

**Palavras-chave:** Historiografia; Revolução Federalista; Testemunho.

### ABSTRACT

A long time has discussed the relevance of testimony as historical source for research, asking the veracity and possibilities methodological of such. This article has as objective to reiterate the work with testimony as historical source, exemplifying such question with the analysis of the book *Voluntários do Martírio: narrative of the Revolution of 1893*, from Ângelo Dourado.

**Keywords:** Historiography; Federalist Revolution; Testimony.

## **Introdução**

O testemunho passou a ter valor à historiografia a partir dos anos 1980, devido principalmente à difusão de relatos de sobreviventes ao genocídio promovido pelos nazistas no contexto da Segunda Guerra Mundial. Como fonte histórica os relatos, depoimentos e testemunhos possuem valor, desde que confrontados com demais fontes.

A exemplificação da análise do testemunho pessoal como fonte histórica é um dos objetivos do presente trabalho, que abordará o testemunho do médico baiano Ângelo Dourado durante a Revolução Federalista (1893-1895) – uma das mais sangrentas guerras civis brasileiras. Tomando cuidado para não cair na tentação de utilizar a obra em análise como única fonte para o entendimento de um fato histórico, utiliza-se como parâmetro à obra de Dourado o trabalho do historiador Sérgio da Costa Franco: *A Guerra Civil de 1893*.

### **Breve discussão do testemunho e apresentação da obra**

Trabalhar com memórias, depoimentos e a chamada literatura de testemunho é extremamente delicado, já que a fonte de investigação é totalmente subjetiva. Para tanto se mune de todo o cuidado metodológico a fim de que o estudo de determinado acontecimento histórico não perca relevância e/ou legitimidade em decorrência do uso de uma fonte que possa vir a colocar em xeque o trabalho investigativo do historiador. Justamente por isso que Beatriz Sarlo<sup>ii</sup> justifica que somente utiliza o testemunho quando não há outras fontes, pois entende que as memórias pessoais devem ser confrontadas com demais fontes históricas, já que o passado se distorce para introduzir-lhe coerência.

Para Sarlo a crença cega ao testemunho constitui um erro enorme por parte do historiador, dessa maneira a autora critica historiadores que “ao utilizarem os testemunhos nas suas abordagens, deixam de realizar a devida crítica da fonte, consumando, com isto, a ‘fetichização da verdade

OS VOLUNTÁRIOS DO MARTÍRIO DA REVOLUÇÃO FEDERALISTA (1893-1895) NO USO HISTÓRICO  
DO TESTEMUNHO, JÉSSICA ADRIANA PACHECO GRODERS

testemunhal” (ELMIR, 2010, p. 155). Sendo passível de mais cuidado ainda para a crítica literária, principalmente quando o autor se coloca como o centro da narrativa.

Como elemento de cuidado metodológico especial ao historiador, é primordial considerar o que coloca a historiadora e cientista política Ângela de Castro Gomes (2004, p.15), ao considerar que para o historiador cabe entender que o documento a ser estudado não dirá o que realmente ocorreu, mas sim o que seu autor viu e sentiu em relação ao ocorrido. Não podendo o historiador cair sobre o documento confiando cegamente nas palavras que ali aparecem como a única verdade sobre os fatos. Isso seria demasiadamente ingênuo.

E quando se mistura o depoimento com um fato histórico que por características próprias, como grande emprego de violência, produziu diversas memórias (como é o caso de uma guerra), com toda certeza ter-se-á um relato carregado de fortes impressões. Esse é o caso da obra escolhida para ser analisada nesse trabalho, um diário em que seu autor, o médico da coluna de Gumercindo Saraiva

(aguerrido líder federalista), Ângelo Dourado, deixou explícito que seu desejo era o de relatar o que foi viver a Revolução de 1893, declarando de antemão o sofrimento que a mesma trouxe intitulado-a “*Voluntários do Martírio: narrativa da Revolução de 1893*”<sup>iii</sup>.

Existem outros relatos testemunhais que também abordam a Revolução Federalista e que, além do tradicional enfoque político e econômico que se dá a essa guerra, trazem uma abordagem pouco usual para a mesma que é a do depoimento daqueles que a viveram, os mais conhecidos são os *Diários da Revolução de 1893*<sup>iv</sup>, dos irmãos Francisco e Joca Tavares, ambos lideranças federalistas.

Por se tratar de um conflito do final do século XIX, torna-se mais difícil a conservação documental dos relatos em cartas, por exemplo. Considerando que as condições dos próprios soldados não eram salubres, pegando chuva, dormindo ao relento, impossibilitando à maioria que guardassem com o necessário cuidado documentos de papel.

OS VOLUNTÁRIOS DO MARTÍRIO DA REVOLUÇÃO FEDERALISTA (1893-1895) NO USO HISTÓRICO  
DO TESTEMUNHO, JÉSSICA ADRIANA PACHECO GRODERS

Sendo privilégio de poucos (como líderes e médicos) possuírem bagagens e quem as carregasse.

Portanto, os três diários citados acima, que foram produzidos no (ou através de relatos vividos no) conflito e por personagens envolvidos diretamente no mesmo, entraram para a história como marcos de referência para o estudo do contexto social e das articulações políticas que marcaram a última década do século XIX nos interiores da região sul do Brasil.

Justifica-se que para a análise do testemunho pessoal como fonte histórica, que é um dos objetivos desse trabalho, optou-se pelo depoimento do médico Ângelo Dourado por dois motivos que se complementam: primeiro por ele ter tido a oportunidade de ver e viver tudo tão de perto, ter conseguido registrar suas percepções e ter sobrevivido ao final do conflito; segundo pelo mesmo não possuir influência direta nas ordenanças dos embates da Guerra de 1893.

Dourado foi personagem influente, seu nome era conhecido nacionalmente por muitos. Ele, além de médico, era um intelectual, político e escritor. Havia sido o primeiro

presidente da Junta Governativa de Bagé, município fronteiriço entre Rio Grande do Sul e Uruguai, após a Proclamação da República em 15 de novembro 1889, e um dos fundadores do Partido Federalista (PF), ao lado de nomes como Gaspar Silveira Martins e João Nunes da Silva Tavares, o Joca.

Baiano de Salvador, nascido em 06 de outubro de 1856, Ângelo Cardoso Dourado casou-se com Francisca, com quem teve “vários filhos”, como diz Sérgio da Costa Franco na apresentação da obra. Aos 36 anos o clínico iniciou sua luta em favor das causas federalistas como médico da coluna de Gumercindo Saraiva, recebendo a patente de Coronel.

As memórias analisadas foram escritas em forma de cartas à esposa Francisca, que juntas vem a compor o diário. Memórias descritas pelo autor como tendo o fim de dar à esposa a possibilidade de entender o que ele passou no conflito, deixando claro em vários momentos do texto que não sabia qual seria seu fim na guerra. E que se morresse gostaria que ela pudesse ler aos filhos que o pai tinha lutado

OS VOLUNTÁRIOS DO MARTÍRIO DA REVOLUÇÃO FEDERALISTA (1893-1895) NO USO HISTÓRICO  
DO TESTEMUNHO, JÉSSICA ADRIANA PACHECO GRODERS

valorosamente por uma causa em que acreditava. Dourado acabou sobrevivendo ao conflito, vindo a falecer somente em 23 de outubro de 1905, na cidade portuária de Rio Grande/RS.

O autor não se preocupou muito em datar todos os momentos da escrita. Os relatos começam no dia *23 de julho de 1893*, data oficial de início da guerra, momento em que ele justifica que suas anotações não seriam “um livro meditado”, mas sim “um jornal de impressões”, uma “narração dos fatos sob a impressão do momento” (DOURADO, 1992, p.1), e findam com a assinatura do acordo de paz em Pelotas, nas palavras de: “Eis terminada esta pálida narrativa do que vi, do que sofri, do que pensei, do que me contaram, durante esta triste e desoladora peregrinação *pró Pátria*.” (DOURADO, 1992, p.421). Mas nota-se preocupação em determinar a localização das tropas na escrita, identificando para isso rios, cerros, vales, serras, etc.

Citando, durante os quase três anos de conflito, somente algumas poucas datas (a maior parte de dias em que ocorreram batalhas), como: *27 de agosto de 1893* – Batalha do

Cerro do Ouro; *31 de outubro de 1893* – véspera da invasão à Santa Catarina, de combate e do aniversário da esposa Francisca<sup>v</sup>; *7 de dezembro de 1893* – momento em que há a separação das tropas de Gumercindo Saraiva e do General Salgado, por divergência entre os dois quanto à direção da marcha; *24 de junho de 1894* – dia em que as tropas aliadas de Gumercindo e Prestes Guimarães se encontraram na região da Serra; *27 de junho de 1894* – Batalha de Valinhos, ou da Fazenda dos Melos; *10 de agosto de 1894* – Batalha do Carovy (que levou à morte de Gumercindo Saraiva); *04 e 05 de setembro de 1894* – travessia dos revolucionários da coluna de Aparício Saraiva para a Argentina; *26 de fevereiro de 1895* – retorno às terras sul-rio-grandenses da coluna de Aparício Saraiva, em Santana do Livramento.

Mas a preocupação que foi leve quanto às datas, não se aplica aos personagens. Dourado citou muitos, tanto federalistas, quanto republicanos ao longo das memórias. Distinguiu-os de acordo com a patente, tanto no exército revolucionário, quanto no legalista. Tendo sido listado no

mínimo 140 nomes de personagens federalistas, e 30 de republicanos, durante a leitura e análise da obra.

Já para separar seus pensamentos e relatos, ao longo do texto, Dourado fez uso de três asteriscos (\*\*\*), indicando que o parágrafo seguinte traria sua opinião sobre determinada questão, ou a descrição de alguma situação diferente da tratada no trecho imediatamente anterior.

Seu diário foi publicado pela primeira vez no ano seguinte ao encerramento do conflito (1896), em Pelotas, pela Editora Americana. Ao final da obra Dourado colocou que quando chegou a Pelotas para acompanhar as negociações pelo acordo de paz, que foi assinado em 23 de agosto de 1895, entre os “Generais [...] Inocêncio Galvão de Queiroz, Comandante em chefe, e João Nunes da Silva Tavares, Chefe das forças revolucionárias contra o governo do Dr. Júlio de Castilhos” (FRANCO, 2012, p.112), já tratou de procurar “logo a Livraria Americana a fim de providenciar sobre a publicação destas notas” (DOURADO, 1992, p.414).

Invasões, combates, enfrentamentos das hostilidades nas vilas sul-rio-grandenses que apoiavam, ou temiam, os republicanos, marchas intermináveis até uma próxima parada que nunca era tão próxima assim, fome, frio, vislumbre de horrores, tanto os horrores da guerra, quanto os horrores dos homens. Tudo isso Dourado traz em seu diário de mais de 400 páginas, em uma mistura de relatos históricos e de sentimentos. Dois pontos que, naturalmente fazem com que um seja posto em xeque na presença do outro.

### **O contexto do testemunho de Dourado**

A obra de Ângelo Dourado retrata desde sua chegada às tropas federalistas, passando pelos caminhos que percorreu, às batalhas nas quais ele participou como força médica, o sofrimento que presenciou naqueles que perdem os seus, as dificuldades em tentar dar um tratamento digno aos doentes e feridos, tanto no campo de batalha, quanto nas vilas por onde passavam e nos acampamentos que montavam, já que muitas

OS VOLUNTÁRIOS DO MARTÍRIO DA REVOLUÇÃO FEDERALISTA (1893-1895) NO USO HISTÓRICO  
DO TESTEMUNHO, JÉSSICA ADRIANA PACHECO GRODERS

vezes mal chegavam a sentar acampamento, tinham de levantá-lo para seguir adiante, normalmente fugindo das tropas legalistas, que pareciam estar sempre no encalço dos federalistas, além das condições precárias de alimentação e curativos.

Invernos rigorosos, os dias seguidos de chuva ininterrupta que deixavam os rios caudalosos e dificultava à travessia de soldados e animais, o Sol escaldante do verão tórrido dos trópicos, a umidade excessiva que pesava o ar, o calor que causava desidratação e as dores infinitas causadas pelas péssimas condições de vida que a guerra estabeleceu a seus soldados: dor de fome, dor de frio, dor de machucados, dor de não conseguir ajudar aos que precisavam, ..., uma dor sem fim. Tudo isso está expresso pelas palavras do médico.

Com toda a certeza, por fatores que ainda serão abordados na sequência do texto, a Revolução Federalista (1893-1895) produziu muitas memórias no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Tanto nos soldados, quanto nos que habitavam os territórios de passagem das tropas, ou os lugares

que foram palco de confrontos. Pois foi esse povo que mais sentiu a fúria de um conflito ancorado em ideologias políticas tão antagônicas, que impediam irmãos de pátria se ver como tal. Disse Dourado: “irmãos contra irmãos, que é isto, meu Deus?!” (DOURADO, 1992, p. 26). O médico descreveu a guerra que vivenciou.

Gritos, lamentos, súplicas, promessas, gemidos, estertores, imprecações, insultos – formavam a harmonia desse cataclismo que se chama guerra civil, onde um mata para libertar-se, e morrendo quase que sorri; e outros matam ou morrem por obediência, para que os que mandaram matar ou morrer possam gozar; onde não há quartel, onde não há prisioneiros, onde a senha terrível é – mata se não queres morrer. Depois os grupos se afastaram, uns corriam para poderem viver e outros voavam após para matar. (DOURADO, 1992, p.24)

A Revolução Federalista foi um conflito armado, uma guerra civil, entre republicanos – do Partido Republicano Riograndense (PRR), liderados pelo Presidente do Estado Júlio Prates de Castilhos – e federalistas – do Partido Federalista

OS VOLUNTÁRIOS DO MARTÍRIO DA REVOLUÇÃO FEDERALISTA (1893-1895) NO USO HISTÓRICO  
DO TESTEMUNHO, JÉSSICA ADRIANA PACHECO GRODERS

(PF), liderados por Gaspar Silveira Martins e Gumercindo Saraiva.

Tal revolução ficou nacionalmente conhecida como Revolta da Degola, devido à prática aplicada largamente para dar cabo aos inimigos. Na historiografia os republicanos acusam os federalistas e os federalistas acusam os republicanos de serem os empregadores de tal método. Dourado, como federalista que era, traz em seu relato vários momentos em que foram encontrados degolados vítimas da ira republicana, acusando os republicanos de serem os praticantes do ato, que o médico, por sua vez, considerava horrível, desumano: “A degola é a lei fratricida, o que não se faz entre estranhos, se faz entre irmãos!” (DOURADO, 1992, p.6). Para Dourado o emprego dessa prática era o que levaria à morte do Rio Grande do Sul.

Deixando claro que a degola era método dos castilhistas, escreve que,

Um dos prisioneiros escapara, o outro morrerá. Pouco depois chegou um negro alto, habitante do lugar, muito satisfeito,

contando que havia degolado o prisioneiro: Todos nós reprovamos o ato e eu não pude conter a minha indignação contra aquele indivíduo que, sendo morador do lugar, não se incomodava de plantar ali os hábitos que a gente do Sr. Castilhos plantara no Rio Grande do Sul, razão pela qual a guerra civil ali perdeu todas as prerrogativas concedidas à humanidade. (DOURADO, 1992, p.149)

Já em outro momento, na região serrana, município de Cruz Alta, Dourado (1992, p. 55) descreve a violência com que os homens dali foram tratados pelos legalistas (castilhistas). Sobrando somente as mulheres sozinhas nas casas, pois os homens haviam sido degolados, mesmo estando em casa, ou na roça, ou seja, não representando ameaça às tropas.

Chega-se a uma casa habitada encontra-se 10 ou 12 mulheres, e muitas crianças. Pergunta-se-lhes: seu marido? Degolaram-no. Seu pai? Degolaram-no. Seu irmão? Degolaram-no. Seu filho? Degolaram-no. Estava em armas? Não, estava na roça, estava no campo. Foi pegado à noite; bateram na porta, conheceu a voz de um amigo que o chamava; apareceu, ataram-no e degolaram-no ali mesmo. (DOURADO, 1992, p.55)



OS VOLUNTÁRIOS DO MARTÍRIO DA REVOLUÇÃO FEDERALISTA (1893-1895) NO USO HISTÓRICO  
DO TESTEMUNHO, JÉSSICA ADRIANA PACHECO GRODERS

E o autor segue o relato contando o número de viúvas e vítimas nos rincões existentes nos arredores de Cruz Alta: 108 viúvas em um, 86 degolados em outro. Segundo ele os republicanos tinham por prática degolar seus prisioneiros, a fim de não ter a despesa de mantê-los cativos. Ao todo se calcula que a Revolução Federalista ceifou mais de 10 mil vidas, tendo sido um dos conflitos mais sangrentos da história do Brasil República. E a prática da degola, segundo aponta a historiografia, foi encontrada dos dois lados das forças em conflito.

Mas o emprego da violência também aparece nos relatos do médico por parte dos federalistas, porém sendo passível de punições exemplares. Um exemplo foi o caso em que tropas federalistas chegaram a um povoado - momento que sempre gerava preocupação em Dourado, pois era nesses casos que os combatentes tinham acesso a bebidas alcoólicas, o que arrastava à embriaguez e a consequentes confusões e atos de violência. Como é o caso do relato abaixo onde é descrita uma cena de estupro. Nota-se que quando o estupro era do lado

republicano, o relato traz a ocorrência de gargalhadas por parte dos algozes, já quando do lado federalista a culpa era do álcool e a punição exemplar.

Ontem ao sairmos de Caçapava deu-se um fato que muito contrariou-nos. As passagens pelos povoados são sempre prejudiciais. Por maior que seja a vigilância do chefe, não deixam de vender bebidas alcoólicas, d'onde a embriaguez de muitos e daí atos repugnantes. Uma ordenança do general Salgado embriagou-se e, passando por uma casa, tentou violar ou violou uma moça. O general mandou-o por nas estacas e ia mandar fuzilá-lo, mas antes disso fez vir a vítima para ser examinada. (DOURADO, 1992, p.15)

Após a conclusão do exame, Dourado relata que naquela “criança impúbere” não havia encontrado sinal algum de violação. E se questionou sobre o fato: será que a criança era tão perversa que inventou aquilo? Ou será que outra havia sido a vítima, que na vergonha de se mostrar, mandou alguém em seu lugar para receber o exame? Independente da resposta, o médico diz: “cumpri o meu dever. Por causa desta não havia motivo para uma punição extrema” (DOURADO, 1992, p.15).

## O testemunho

Abaixo seguem algumas impressões construídas após a apreciação da obra em questão, contando com a análise de alguns eventos descritos por Ângelo Dourado. Estabelecendo as devidas relações das abordagens do médico, com as construções históricas já produzidas sobre o período, tendo como base principal o trabalho do historiador Sérgio da Costa Franco em *A Guerra Civil de 1893*.

Inicia-se essa parte do trabalho observando que em diversos momentos de seu texto Dourado faz uso de linguagem poética e emprega muitas metáforas, fala em *gregos, Faustos, Mephistopheles, Margaridas*; em *Moisés* e na *Torre de Babel*; cita os personagens literários de José de Alencar: *Pery e Cecy*, entre outros, para narrar suas vivências. Como quando ao falar do silêncio da campanha em uma fria manhã, lembra dos dias em que tudo ali era alegre e animado: “Era um conversar alegre, um estímulo para o progresso, e as calhandras nos galhos do *molhe* ou do *umbú* aplaudiam às gargalhadas com

uma melodia terna que adormece o espírito nas quentes horas do dia.” (DOURADO, 1992, p. 4). Um outro momento marcante do emprego de tal linguagem foi quando o autor descreveu, pela primeira vez, os soldados legalistas.

A alegria e os risos mudaram-se em silêncio e medo. De repente ouviram gritos, lamentos, preces, depois um gemido ronco no leito do estupro, um gargalhar satânico, mulheres que fugiam, crianças que não compreendiam, o que aquilo era mesmo depois do horror, e lá um gritava: *Viva a legalidade! Viva Júlio de Castilhos!* (DOURADO, 1992, p. 4)

Por mais de uma vez Dourado se mostrou preocupado com o uso de jovens e crianças nas batalhas, principalmente por parte dos republicanos, e na forma como a arte de fazer guerra havia mudado tanto, prejudicando a todos. Como se lê a seguir.

A marcha de Aparício com sua coluna seria digna de uma odisseia, mas hoje no tempo da civilização, as distâncias desapareceram. As armas de destruição não permitem vestir coraças, capacetes, levar escudo [...]. Hoje não. A arte da Guerra dá bravura a quem em outros tempos se chamaria

OS VOLUNTÁRIOS DO MARTÍRIO DA REVOLUÇÃO FEDERALISTA (1893-1895) NO USO HISTÓRICO  
DO TESTEMUNHO, JÉSSICA ADRIANA PACHECO GRODERS

covarde. O soldado não precisa mais do que conduzir uma carabina [...]. E os mancebos são valentes porque veem essa descarga mortífera, sobretudo quando a descarga é feita contra uma legião quase desarmada. Então dirão: Fomos bravos, defendemos a república. Pobres rapazes! Vossa alma é pura, boa, juvenil; não compreende o que é ser instrumento de seres perversos. Quando quiserdes retrogradar será tarde. (DOURADO, 1992, p. 224)

Nesse momento faz-se um contraponto à presença de jovens e crianças também no lado revolucionário. Para isso sugere-se a leitura do trabalho de Francisco das Neves Alves e Marcelo França de Oliveira, *Vítimas ou partícipes? Indícios da participação de mulheres e crianças na Revolução Federalista (1893-1895)*, que analisa a participação de mulheres e crianças na Revolução de 1893 utilizando as próprias memórias de Dourado como um dos documentos investigados.

Como médico da coluna de Gumercindo Saraiva, Ângelo Dourado, por mais de uma vez em suas memórias, traz as vivências e lembranças referentes ao líder federalista em máxima estima, chegando a exercer adoração em relação ao mesmo, como quando fala sobre sua expectativa em reencontrá-lo em um dos acampamentos federalistas: “É ele

que chega hoje, é ele que vou ver: é o salvador.” (DOURADO, 1992, p. 14).

Também se faz interessante observar o relato que o médico fez de uma conversa com Gumercindo, no momento em que o líder decidia quem iria mandar para Desterro, em Santa Catarina, a fim de conversar com o governo de lá para tentar apoio à revolução. Ficando evidente nas falas, que ambos entendiam não estar na guerra por “causas políticas”, mas sim para lutar. O que chega a parecer um misto de ingenuidade e ignorância, já que nada se faz sem política, ainda mais uma guerra que colocou como rivais dois partidos políticos dentro de um mesmo estado e que alcançou os estados vizinhos. Como eles pretendiam consolidar a luta pelas suas causas, em caso de vitória, sem uso de política (quem abrange desde articulações até medidas administrativas)? Dourado relata a fala de Gumercindo,

[...] nós não temos nada com política, o que queremos é meio para a nossa luta no Rio Grande. Pouco me importa que o governo seja aqui uma cousa ou outra. Que nos dê meios

OS VOLUNTÁRIOS DO MARTÍRIO DA REVOLUÇÃO FEDERALISTA (1893-1895) NO USO HISTÓRICO  
DO TESTEMUNHO, JÉSSICA ADRIANA PACHECO GRODERS

para lutarmos e depois que se arranchem os políticos. E porque não vai você nesta viagem? Perguntou-me ele.  
[Ao que Dourado respondeu]  
Porque não estou nisso por política, e não quero me envolver nela”. (DOURADO, 1992, p. 65)

Na sequência da conversa dos dois, Dourado coloca a manifestação surgida na coluna de nomear Aparício Saraiva, irmão de Gumerindo, como general assim que passassem a Santa Catarina. Já que ele era estrangeiro (uruguaio) e por certo nada tinha com a pendenga. “Nós somos brasileiros, lutamos pela nossa terra [...], cumprimos com o nosso dever, Aparício não. Aparício é estrangeiro, mas abraçou a nossa causa, sofre conosco, abandonou a família que só o dever pátrio pode mandar fazê-lo.” E mesmo assim se sentia na obrigação de ajudar, tornando-se mais valoroso que muitos nativos. Dourado continua salientando que “todos os brasileiros honestos lucrarão, serão pagos, ao passo que Aparício voltará à sua terra lembrando apenas os seus sacrifícios, as suas vitórias”, tendo como recompensa apenas o reconhecimento dos que com ele lutaram. “É justo, portanto

que o distingamos aqui já que no futuro nada poderemos fazer.” (DOURADO, 1992, p. 66) Pedido que não foi atendido por Gumerindo.

Ao longo das memórias são muitas as críticas que Dourado faz à política republicana do estado e ao próprio Júlio de Castilhos. Acusa-o de ter vendido o Rio Grande do Sul a Floriano Peixoto, e de ser desonesto em suas práticas políticas. Sendo interessante o que é trazido na sequência.

Tivéssemos uma república honesta, sem exército permanente, porque na hora da luta externa todo cidadão é soldado; sem fortunas rápidas feitas à custa das revoluções, os próprios monarquistas viveriam satisfeitos dentro dela, porque para o homem não é a forma de governo que o preocupa, - é a honestidade desse governo, é a equidade da justiça. (DOURADO, 1992, p. 105)

E continua sua crítica à lógica sucessória do Partido Republicano Riograndense.

Mas, colocar-se um sujeito no poder e ter a força para eleger ou nomear o seu substituto eternizando-se, portanto, um partido no poder até que o outro empunhe armas para

OS VOLUNTÁRIOS DO MARTÍRIO DA REVOLUÇÃO FEDERALISTA (1893-1895) NO USO HISTÓRICO  
DO TESTEMUNHO, JÉSSICA ADRIANA PACHECO GRODERS

derrocá-lo, ainda mesmo que se queira convencer o povo de que isto é a república [...]. (DOURADO, 1992, p. 105)

O medo da morte, assim como as dores sentidas e sofrimentos passados, tanto físicos, quanto emocionais, são constantes nos relatos de Dourado. O que chega a dar um ar sóbrio ao texto em vários momentos. Não que o autor se lamenta, nem que pudesse se esperar um relato de guerra colorido e cheio de boas lembranças, isso se dá devido à força e a riqueza dos detalhes com que o escritor coloca suas vivências, dá-lhe, por vezes, um ar de herói, como quando escreve que “[...] minha natureza se revolta contra mim mesmo, lembrando que se não luto, se não lutamos, meus filhos terão luta igual em toda a vida” (DOURADO, 1992, p. 346-347). Justificando sua luta naquele presente, a fim de consolidar a paz para o futuro de seus filhos.

Diante disso, lembra com gratidão o apoio recebido por sua esposa quando decidiu entrar na guerra, que, como valorosa mulher, entendeu ser necessária tal atitude. Fato que Dourado expressa diversas vezes, como quando se lembrou de

Francisca bordando à mão a bandeira da Cruz Vermelha para que ele identificasse o pelotão médico, ou quando, na hora da partida, disse a ele para que fosse: “vai, eu trabalharei para nossos filhos, que não hão de morrer de fome” (DOURADO, 1992, p. 124). E justifica a ela o fato de não ter aberto nenhuma de suas cartas, pois temia ler notícias ruins, tal era seu receio da sorte que pudesse vir a atingir sua família (DOURADO, 1992, p. 69).

O médico chega a dizer que teria deixado de amá-la caso ela tivesse agido como uma moça em Laguna, “senhora pálida, bonita, com longas tranças pendentes” que ao ver o marido partir disse-lhe: “Tu não irás. Deve-te ser mais agradável estar perto de mim, do que estar lutando por essa Pátria [...]. Eu te prefiro aqui a te ver voltar herói e mutilado” (DOURADO, 1992, p. 123). Ideia que para Dourado era inconcebível, já que entendia que “a mulher que há de ser mãe numa Pátria, preferirá, sem dúvida, ser viúva ou estéril a ter esposo que lhe dê filhos para viverem na ignomínia” (DOURADO, 1992, p. 123).

OS VOLUNTÁRIOS DO MARTÍRIO DA REVOLUÇÃO FEDERALISTA (1893-1895) NO USO HISTÓRICO  
DO TESTEMUNHO, JÉSSICA ADRIANA PACHECO GRODERS

E seguem seus relatos de sofrimentos, como quando diz que seu “caminho era indicado pelos cadáveres e feridos. Aqui, um que agonizava, ali outro que gemia, além outro coberto de sangue”. Então ele anota à Francisca que se sentava junto do “cadáver de um irmão, de um amigo e com o olhar feroz buscava além a vítima para vingança”. Ainda explica que os “cadáveres nus em grande número: eram dos nossos adversários, porque o revolucionário, o voluntário da honra e da miséria, cobre a nudez, abriga-se do frio, com as roupas ensanguentadas dos que são pagos para destruí-los.” (DOURADO, 1992, p. 24), mostrando mais uma vez a crueldade legada aos republicanos.

Em outra ocasião narra momentos fortes entre pais e filhos. Como um, após a batalha do Cerro do Ouro, em que pai e filho perseguiram um inimigo republicano, que não passava de um menino. O fugitivo acabou disparando e acertando o filho do federalista. O pai, desesperado, salvou o fugitivo da morte e o adotou como seu novo filho. Ou outro, em que um federalista de apenas 16 anos foi lanceado pelo próprio pai,

que defendia os castilhistas. Quando o pai percebeu o que tinha feito, caiu aos prantos sobre o corpo do filho moribundo. Os soldados federalistas ao verem um castilhista sobre um dos seus, “mataram-no a golpes de lança sobre o corpo do filho agonizante, que nos últimos sopros de vida ainda dizia: – É meu pai.” (DOURADO, 1992, p. 25).

Dourado também comenta o significado da morte na Guerra Civil, ao presenciar soldados dançando sobre cadáveres após uma batalha, constatando que os mesmos, apesar do horror fúnebre que os cercava, estavam alegres por terem vencido mais uma e acabavam por se esquecer “que todos aqueles mortos eram irmãos. Tal é a moral das guerras civis! Na luta do matar para não morrer – a morte dos semelhantes, sejam eles irmãos, é um degrau para a vida.” (DOURADO, 1992, p. 25). E elucida a precariedade de ser médico em um conflito como foi o de 1893, dizendo,

Aqui ser médico é apenas lavar uma ferida quando pode e lançar sobre ela um pouco de iodofórmio, se tiver. Nas horas de combates tem-se que estar na linha de fogo, porque os

OS VOLUNTÁRIOS DO MARTÍRIO DA REVOLUÇÃO FEDERALISTA (1893-1895) NO USO HISTÓRICO  
DO TESTEMUNHO, JÉSSICA ADRIANA PACHECO GRODERS

nossos combates são sempre ataques rápidos para abrir caminho. De modo que um médico nas guerras civis, onde não há repouso nem garantias convencionais, não é mais do que o altruísta sofredor que todos os dias arrisca a própria vida para salvar a vida de outros. (DOURADO, 1992, p. 70-71)

Mas como não é só de tristezas que se sobrevive por mais de dois anos em uma guerra, alguns momentos do relato de Dourado trazem interessantes trocas culturais com os diferentes povos encontrados ao longo da marcha de milhares de quilômetros pelo sul da América. Em um dos momentos mais interessantes do texto, o médico descreve o encontro com uma tribo que vivia nas matas ao redor de Passo Fundo (hoje município do norte do Rio Grande do Sul), descrevendo as mulheres e o entendimento da tribo quanto ao casamento e ao adultério.

Na primeira aldeia a que chegamos estavam eles todos parados para verem passar os nossos maltrapilhos, quase tão nus como eles. [...] Quando passava uma mulher com seus trajes esquisitos, elas [as índias] tinham vontade de rir, mas levavam a mão à boca para não se ver. [...] As raparigas não são bonitas, mas não são mutiladas, nem tatuadas. Algumas

já são bastantes claras, sinal de que há muito tempo que essas tribos têm relações com estranhos. [...] O luxo delas consiste nos cabelos, podem estar nuas, porém o cabelo bem penteado numa longa trança. (DOURADO, 1992, p. 233)

Quanto ao casamento, o mesmo se dava de forma simples, a noiva fazia a ramada, e o noivo ia à caça. “Comem juntos aquela caça e dormem naquela ramada, sem se incomodarem com o consentimento dos pais, mas não se separam mais senão por morte”. O homem podia ter duas ou três esposas, desde que fossem públicas e ele sustentasse a todas. Dourado achava que por isso ser muito trabalhoso os homens se mantinham só com uma mulher. Já a poliandria não existia entre eles. A mulher trair o marido índio “com indivíduo da mesma tribo é um grande crime; a mulher fica repudiada e nenhum homem olha mais pra ela. Tem que fazer sua choça e buscar o que comer”, já se a traição se desse com um forasteiro, principalmente homem branco, seria quase motivo de honra. O homem índio que provocasse o adultério seria castigado. (DOURADO, 1992, p. 235)

Além desse momento Dourado descreve como foi aprendendo algumas palavras nos dialetos locais por onde passava, como eram as recepções, acaloradas ou não, nas aldeias de imigrantes alemães e italianos, que lhe vendiam pão, galinhas e toucinho, ou lhe davam gêneros alimentícios em troca de atendimento médico que ele realizava com a precariedade de equipamentos e medicamentos que tinha.

E seguiu criticando a república de Júlio de Castilhos “A república, dizíamos, em vez de mostrar-se digna de ser amada pela verdade, querida pelo respeito de que se devia fazer credora, entregou-se [...] a quem mais depravado se mostrasse [...]” (DOURADO, 1992, p. 300).

### **Considerações Finais**

São muitas as leituras e abordagens possíveis quando se analisa uma obra como *Voluntários do Martírio*, tão rica em momentos e em detalhes históricos. Porém, munir-se somente de um depoimento, por mais rico que o mesmo seja (como é o

caso das memórias do médico Ângelo Dourado), para explicar todo um episódio histórico, com certeza originará fundados questionamentos.

Não havendo como ignorar relatos como o estudado pelo presente trabalho, e nem de longe sendo essa a intenção, se faz necessário entender que até o valor que pode ser atribuído a escritos como os de Dourado, só poderá ser realmente sustentado após se conhecer os dados e contextos históricos do episódio que o relato/depoimento em si aborda. E isso se aplica a qualquer testemunho que se queira utilizar como elemento historiográfico.

Em alguns momentos não fica claro se o que Dourado fala é somente sua opinião, ou se isso realmente aconteceu, ou se ele desejava que acontecesse, pois emprega o *futuro do pretérito*, mas isso não interessa. Não é a veracidade do depoimento em si que dá a ele seu valor histórico, mas o confronto que se faz do mesmo com outras fontes é o que vem a torná-lo rico. E o que Dourado trouxe em suas palavras, após conhecer e viver a Guerra de 1893, é riquíssimo.



OS VOLUNTÁRIOS DO MARTÍRIO DA REVOLUÇÃO FEDERALISTA (1893-1895) NO USO HISTÓRICO  
DO TESTEMUNHO, JÉSSICA ADRIANA PACHECO GRODERS

O próprio autor encerra suas memórias colocando que “talvez tivesse sido excessivo no julgamento de alguns fatos” (DOURADO, 1992, p. 421). Afirmção que salienta a subjetividade de um depoimento e que justifica a preocupação do historiador em confrontar fontes toda vez que for fazer uso de relato testemunhal.

### REFERÊNCIAS

ALVES, Francisco das Neves; OLIVEIRA, Marcelo França de. Vítimas ou partícipes? Índícios da participação de mulheres e crianças na Revolução Federalista (1893-1895). In: Colóquio Nacional de Estudos de Gênero e História, 1., 2013, Guarapuava. *Anais do Colóquio Nacional de Estudos de Gênero e História*. Guarapuava: Laboratório de História Ambiental e Gênero (LHAG), 2013. p. 18-29. Disponível em: <http://sites.unicentro.br/wp/lhag/publicacoes/anais/>

AXT, Gunter; CABEDA, Coralio B. P.; SEELIG, Ricardo V. (Orgs.). *Diários da Revolução de 1893* (Francisco da Silva

Tavares). Porto Alegre: Procuradoria-Geral de Justiça, Projeto Memória, 2004. Tomo I.

AXT, Gunter; CABEDA, Coralio B. P.; SEELIG, Ricardo V. (Orgs.). *Diários da Revolução de 1893* (João Nunes da Silva Tavares). Porto Alegre: Procuradoria-Geral de Justiça, Projeto Memória, 2004. Tomo II.

DOURADO, Ângelo. *Voluntários do Martírio: narrativa da Revolução de 1893*. 4. ed. Ed. Fac-similada de 1896. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992.

ELMIR, Cláudio Pereira. Desafios metodológicos da literatura de testemunho para o trabalho do historiador. In: Tettamanzy, Ana Lúcia Liberato; Zalla, Jocelito; D’Ajello, Luís Fernando Telles (Orgs.). *Sobre as poéticas do dizer*. Pesquisas e reflexões em oralidade. São Paulo: Letra e Voz, 2010, p. 154-163.

FRANCO, Sergio Costa. *A Guerra Civil de 1893*. 2. ed. ampl. Porto Alegre: Renascença, Edigal, 2012.

GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

OS VOLUNTÁRIOS DO MARTÍRIO DA REVOLUÇÃO FEDERALISTA (1893-1895) NO USO HISTÓRICO  
DO TESTEMUNHO, JÉSSICA ADRIANA PACHECO GRODERS

**NOTAS**

---

<sup>i</sup> Graduada em História pela Universidade de Passo Fundo e em Sociologia pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestranda em História pelo PPGH/UPF na linha de Política e Relações de Poder.

<sup>ii</sup> Ver em: SARLO, Beatriz. A retórica testemunhal. In: SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Belo Horizonte/São Paulo: UFMG/Companhia das Letras, 2007. 59-94

<sup>iii</sup> Nos trechos citados da obra original, foram feitas correções ortográficas de acordo com o corretor do programa editor de textos utilizado para a escrita do artigo.

<sup>iv</sup> Nas Referências consta a indicação completa das obras.

<sup>v</sup> Com pesar o médico coloca: “Amanhã, 1º de Novembro, devemos brigar. No dia do teu aniversário,... tu, tão boa, tão santa,... devemos derramar sangue irmão, para podermos obter justiça. [...] eu vou talvez morrer, vou talvez matar, vou talvez deixar-te viúva, deixar nossos filhos órfãos.” (DOURADO, 1992, p.66)

Recebido em: 11/04/2017.

Aprovado em: 07/07/2017.

Publicado em: 28/08/2017.